

## Brasil

**Indicadores sociais** Acesso a computador é maior na faixa etária de 40 a 45 ano; ritmo ainda é lento, diz FGV

# País insere 1 milhão no mundo digital a cada quatro meses

**Renata Batista**  
Do Rio

A cada quatro meses, um milhão de pessoas passam a ter acesso a computadores no Brasil. O número é expressivo. A Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ), que divulgou ontem o Mapa da Exclusão Digital, estima em 26,7 milhões os brasileiros incluídos hoje, mas na avaliação do economista Marcelo Neri, coordenador do estudo, nesse ritmo o problema da exclusão não será resolvido.

Ele explica que a taxa de acesso é mais alta na faixa etária entre 40 e 45 anos, no setor público e nos estados mais ricos. Os jovens — principalmente os negros —, em situação de risco social, estão entre os menos atendidos. “A chance de um branco ter acesso a computador e à internet é 167% maior do que a de um não-branco. Mesmo que os dois tenham características exatamente iguais: mesma renda, idade, atividade profissional etc”, resume.

Há ainda o que Neri chama de “brecha digital condicionada”. São grupos que, pelas características, deveriam ter mais acesso a computadores e internet, mas não têm. São grupos, na opinião dos economistas, devem ser o alvo da política de combate à exclusão. Um exemplo de brecha condicionada, de acordo com a pesquisa, são as mulheres. Embora elas tenham mais escolaridade que os homens e o nível de escolaridade tenha ligação direta

com a inclusão digital, o percentual de homens e mulheres com acesso a internet é praticamente igual — 8,19% e 8,43%, respectivamente.

Independente da segmentação por gênero, a taxa de acesso a computador passa de 4,84% entre quem tem de 4 a 8 anos de escolaridade para 17,58%, quando a escolaridade é de 8 a 12 anos, e 58,92% entre os que têm mais de 12 anos de estudo.

“O mapa ajuda a identificar essas brechas e mostra que há espaço para políticas específicas de inclusão digital”, resume Neri.

Quando compara por setor de atividade, o economista diz que a chance de um servidor público ter computador é 10% maior que a de um trabalhador do setor de serviços. Mas a menor taxa de acesso a computadores e internet está na agricultura — é inferior a 1% o acesso à internet. Não à toa, apenas 0,98% da população que vive em áreas rurais tem acesso a computador.

Mesmo assim, o economista defende que as políticas de inclusão social sejam desenvolvidas preferencialmente entre os jovens, em áreas urbanas e para trabalhadores do segmento informal. Neri lembra que a análise não pode concentrar-se apenas nos grupos que não têm acesso. Precisa considerar também o peso que têm na população. Os empregados sem carteira são 9,46% da população e 7,54% dos incluídos digitais, por exemplo. “A política de inclusão digital deve

equalizar oportunidades”, completa Neri.

Os cinco municípios campeões em acesso — São Caetano (SP), Niterói (RJ), Santos (SP), Florianópolis (33%) e Vitória (30%) ficam no Sul e no Sudeste, mas são inúmeros os municípios nessas regiões que ainda não registram a presença de nenhum computador.

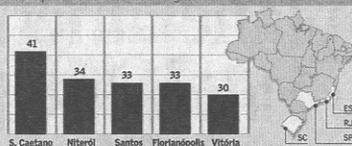
Os dois Estados mais bem posicionados no ranking de incluídos digitais são São Paulo e Rio de Janeiro, além do Distrito Federal, que lidera a lista. Quando comparados os indicadores de inclusão digital nas escolas do Ensino Fundamental, porém, São Paulo ganha a liderança, seguido pelo Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Distrito Federal.

Para traçar o mapa, a FGV utilizou as informações coletadas no Censo de 2000 e na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2001. Os dados foram cruzados também com indicadores de desempenho escolar, do Censo Escolar 2001, mostrando que o desempenho daqueles que têm acesso a computadores e internet é superior.

“O Brasil hoje é bem servido de estatísticas no setor. Há seis meses não era. Tentamos desenvolver na pesquisa o conceito de capital digital, mostrar o impacto que do acesso a tecnologia na vida das pessoas”, resume. A próxima etapa da pesquisa, que contará com os dados da Pnad 2002, deve incluir outros impactos em áreas como emprego e negócios.

## Os campeões

Municípios líderes em inclusão digital - taxa em %

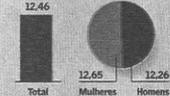


## Diferença pequena

Acesso por gênero

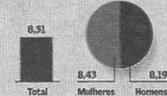
### Acesso a computador

Total 12,46%



### Acesso à internet

Total 8,31%

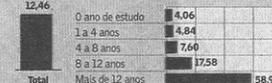


## O peso da escola

Acesso por escolaridade

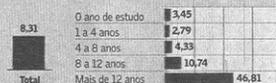
### Acesso a computador

Total 12,46%



### Acesso à internet

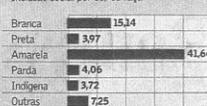
Total 8,31%



Fonte: FGV-RJ

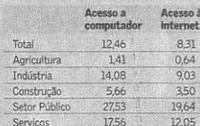
## Retrato social

Inclusão social por cor ou raça



## Serviço público lidera

Acesso por setor de atividade



# Trabalho dará origem a novo índice

Do Rio

O Mapa da Exclusão Digital servirá de base para a criação de um novo índice da Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ): o Índice de Inclusão Digital (IID). Embora a primeira pesquisa tenha considerado apenas os aspectos de acesso e o impacto sobre educação, a FGV-RJ também pretende estudar os impactos no governo, no emprego e nos negócios, criando diversos indicadores.

A ideia do presidente da fundação, Carlos Ivan Simonsen Leal, é criar o IID na nova cesta de índices da FGV-RJ, que inclui o Índice de percepção de insegurança e o de confiança do consumidor. A exemplo do que já é feito pelo Fórum Econômico Mundial, o índice seria composto em cinco outros — inclusão Digital Doméstica, nas Escolas, no Governo, no Emprego e nos Negó-

cios. A segmentação é importante porque, como ocorreu na pesquisa do Fórum, o Brasil tem avançado muito em práticas de governo eletrônico (eleição, imposto de renda), mas pouco em outras áreas.

De acordo com Marcelo Neri, os índices devem considerar o conceito de capital digital. Ou seja, o impacto do acesso a tecnologia nos negócios, para obtenção de empregos etc. Para ele, os índices poderiam ser usados como balizadores de metas sociais, entre as quais incluiu meta de inclusão digital. “Nosso desafio é colocar a inclusão digital no debate brasileiro”, diz.

O criador do Comitê para Democratização da Informática (CIDI), Rodrigo Baggio, que participou da execução do programa, frisa que o mapa é um meio para diagnosticar o problema e não o objetivo final da pesquisa.

Neri frisa que, considerando apenas a Pnad, 12,4% dos brasileiros têm acesso a computador e 8,31% a inter-

net. Mas o mapa indica os Estados que mais têm ampliado o número de incluídos — Amapá, Tocantins e Maranhão — e os que menos se movem — Roraima, Alagoas e Distrito Federal.

A faixa da Rocinha continua entre as áreas com menor acesso a informática — com apenas 6% de penetração. A região contrasta com os bairros no entorno da Lagoa Rodrigo de Freitas, onde 59% da população tem acesso a computadores. A FGV conseguiu incluir um levantamento detalhado sobre os distritos do Rio de Janeiro no Mapa da Exclusão Digital porque, a pedido do governo do Estado, foi feito durante a Pnad um levantamento específico na região.

A proporção de incluídos digitais no Estado e na cidade do Rio está correlacionada à renda e ao tempo de estudo. O levantamento considera que todas as pessoas em um domicílio com computador têm acesso a ele. Por isso, não há correlação com faixa etária.